



## O COLÉGIO INTERNACIONAL DE CAMPINAS SEGUNDO O CATÁLOGO DE 1877

Duílio BATTISTONI FILHO

Com o término da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, muitas famílias sulistas desesperadas pela derrota frente ao norte resolveram imigrar para o Brasil em busca de novas paragens onde pudessem se estabelecer. A região procurada por estes imigrantes foi a de Santa Bárbara no interior de São Paulo, dada à excelência de suas terras férteis para a agricultura. Além do mais, havia uma intenção da Igreja Presbiteriana americana – que, por sinal passava por grave conflito interno – de trazer pastores para o Brasil. O objetivo era dar toda assistência religiosa a esses imigrantes como também aos não católicos.

A Comissão Missionária Sulista de Nashville (Tennessee) resolveu estabelecer uma missão no Brasil e para isso enviou para cá, em 1869, dois jovens missionários: George Nash Morton e Edward Lane. Ambos vão se estabelecer em Campinas que, na época, passava por um grande surto econômico proveniente das rendas do café e por estar próxima da região estabelecida por esses imigrantes. O início para esses pastores foi muito difícil, por causa dos costumes e da língua. Porém, dotados de uma fé inabalável não desanimaram e um ano mais tarde puderam iniciar os cultos em português na própria residência, além de instalarem uma escola dominical de evangelização. Os primeiros convertidos foram um casal de analfabetos de cor (um pedreiro e sua mulher). Exerceram também o apostolado em Santa Bárbara onde pregavam uma vez por mês.

Entretanto, a missão mais importante para eles era fundar uma escola que pudesse aplicar novos métodos baseados primeiramente na prática e na observação e, depois, na teoria. A verdade é que as escolas brasileiras estavam muito atrasadas, impregnadas de teorias e regras abstratas que dificultavam o aprendizado dos alunos.

Morton e Lane sabiam das dificuldades que iam enfrentar para criar um Colégio protestante num contexto religioso em que se encontrava o Império, de uma igreja atrelada ao Estado e um crescente processo de romanização no interior do catolicismo brasileiro de tendência ultramontana. Morton procurou incutir na intelectualidade campineira a criação de um novo colégio voltado para novas propostas pedagógicas, um ensino secular separado do religioso, além de dar ênfase às disciplinas práticas. Ressaltou a necessidade de uma reforma no ensino brasileiro, pois os colégios particulares, de uma maneira geral, ficariam à mercê de matérias exigidas pela Academia. Lutava por um modelo cultural protestante que pudesse satisfazer os filhos da elite nacional por ver nestes os agentes de mudanças sociais que o País reclamava. Lane, por sua vez, via a necessidade de transmissão dos preceitos do presbiterianismo através de uma educação escolarizada.

Em 1873 Lane fez uma viagem aos Estados Unidos com a finalidade de angariar fundos para a compra de vinte e quatro acres de terra nos arredores da cidade para a construção do Colégio. A Igreja tinha destinado apenas 2.000 dólares para o novo prédio, mas seriam necessários mais 5.000 para o início do empreendimento. Um certo Mr. Corning, de Nova York, prometeu 5.000 se a Igreja levantasse outros 5.000. Fechado o acordo, a construção foi levantada. Pouco depois a escola era inaugurada com o nome de Colégio Internacional, o primeiro de ensino secundário misto na província de São Paulo e a primeira escola americana no Brasil.

Enquanto o prédio definitivo estava em construção, o Colégio funcionava precariamente em uma pequena casa na antiga rua do Pórtico (Ferreira Penteado), esquina com Luzitana. A primeira fase do Colégio, de 1873 a 1879, foi a mais próspera, período em que Morton e Lane estiveram na direção. Com quase dois anos de funcionamento e com os primeiros resultados colhidos, os reverendos decidem pela transferência definitiva

para os arredores da cidade (nos altos da Dr. Quirino) onde compraram um terreno de 10.000 m<sup>2</sup>. O crescimento do corpo discente levou-os a apressar o término da obra, a qual no início de 1874 contava com um prédio central e dois depósitos.

A projeção do Colégio nesses primeiros anos não se deu somente pelo currículo que oferecia, mas também pela importância do quadro de professores contratados. Intelectuais do quilate de um Rangel Pestana (jornalista), Júlio Ribeiro (romancista e autor de *A Carne*), Francisco José Bokel e John Dabney fizeram parte do seu corpo docente. D. Pedro II, imperador do Brasil, grande entusiasta das causas educacionais chegou a visitá-lo.

Para avaliarmos bem o processo pedagógico do *Internacional* vamos nos valer de um documento de 17 páginas em brochura 15 X 23 cm chamado *Catálogo do Collegio Internacional de Campinas no Anno Collegial de 1877*, publicado em 1878, pelos fundadores G. Nash Morton e Edward Lane. Primeiramente o seu frontispício é muito bonito. Apresenta o desenho dos prédios escolares ladeando o título: Instituto de Campinas – Collegio Intenacional – dirigido por G. Nash Morton. Tudo encimado por um conjunto simbólico: tinteiro e pena de pato, compasso e outros instrumentos: livro, mapa, planta geométrica, lupa, globo terrestre, locomotiva, fábrica fumegante, tendo à direita, um coqueiro; à esquerda, uma árvore.

O Catálogo registra o apoio do público, louva os bons mestres e os melhoramentos das instalações. Dá a relação do corpo docente masculino, constando dos seguintes professores: F.J. Bokel, E. Henking, J. Ribeiro, Guilherme Porter e Stanislaw Krszynski. Quanto às meninas, elas contam com seis professoras a saber: Anna Nicodemi, Nannie S. Henderson, Maria Videau Kirk, Maria E. Ellis, D.S. Carrie Porter e Virginia A.E. Porter.

O Catálogo traz a lista dos alunos de ambos os sexos. Num total de 127 alunos do sexo masculino, Campinas predomina com 96 alunos, seguida de Itu com 5, São Paulo com 4, enquanto que as outras localidades predominam com um ou dois alunos. Quanto às alunas, num total de 47,

mais uma vez há predominância de Campinas com 39, seguida de Santa Bárbara com 6, enquanto que Funil e Rocinha, respectivamente, contribuem com uma aluna. Vale ressaltar que nessa relação de meninos e meninas brasileiros, há a presença de vinte alunos norte-americanos, alemães e franceses. Um filho do reverendo F. J. C. Scheneider veio da Bahia matricular-se no *Colégio* de Campinas. Nota-se ainda ao lado dos nomes dos alunos, os nomes dos pais, alguns de grande projeção política e econômica na região, dentre eles: Bernardino de Campos (notável jornalista e republicano), Hércules Florence (desenhista e inventor). Manuel Ferraz de Campos Salles, (político republicano e futuro presidente do Brasil).

Os planos curriculares apresentam quatro séries, onde se aprende a ler, escrever, quatro operações, inglês, geografia e português. Nas três séries subseqüentes, além das disciplinas anteriores, se acrescentam latim, francês, alemão, grego. A seguir, o Curso Acadêmico de cinco anos no qual se estudam matemática, francês, alemão, latim, grego, história natural, história, filosofia, física, química agrícola, direito público e hebraico como matéria facultativa. A ginástica é diária e obrigatória. Embora o ensino religioso seja importante, deixa de ser doutrinário, na medida que representa um modelo ético a seguir. A leitura da Bíblia é fundamental, vista como fonte divina e puríssima de instrução religiosa.

O Regulamento do *Internacional* é rigoroso, pois exige-se que o aluno se porte como cavalheiro, com dignidade, honradez e amor à verdade. Lendo o Catálogo, o que nos chama a atenção é o *espírito de escola*, onde reina a fraternidade, o coleguismo, o convívio entre mestres e alunos e o amor às festas religiosas. Tudo isso é desconhecido, na época, nas escolas brasileiras, salvo honrosas exceções.

Os exames são realizados no fim de cada semestre, sendo os do fim do ano colegial os que decidem a aprovação de cada aluno para a classe superior, além dos prêmios para os mais aplicados. Os alunos – pensionistas, meio pensionistas e externos – pagam adiantado cada semestre, incluindo uma jóia de matrícula. Muito importante, para o conhecimento do público são os resultados dos exames de 1875 (línguas)

e fevereiro de 1877 (ciências) prestados por seus alunos em São Paulo, perante bancas do governo.

Os relatórios do Colégio mostram, muitas vezes, a impaciência dos pais em ver seus filhos doutores o que os leva a questionar a utilidade do estudo de certas disciplinas como alemão, grego, química, física por não ser estas matérias obrigatórias nos exames preparatórios. A cadeira de grego chegou a ser extinta. Morton e Lane sentem-se decepcionados pela cobrança dos pais, pois para aqueles o objetivo é formar bons cidadãos, cultos, intelectualizados, a simplesmente preparar o aluno nas Academias do Império (Faculdades). Contudo, apesar da estrutura educacional brasileira daquele momento, o Colégio Internacional não teve dificuldades em alcançar as metas propostas que tanto almejavam os pais de seus alunos, ou seja, a aprovação nos vários exames preparatórios. Um exemplo deste resultado está na publicação *Província de São Paulo* da relação dos 12 alunos aprovados nesse Colégio, aos exames de 1877 da Faculdade de Direito de São Paulo. Deve-se ressaltar também que muitos estudantes paulistas da Zona Oeste, nas décadas de 70 a 80, foram aos Estados Unidos, com o objetivo de lá completarem sua educação.

Em 1879, por questões financeiras, Morton deixa a direção e foi embora para São Paulo, levando consigo metade dos corpos docente e discente e lá abriu uma escola que, por sinal, teve pouca duração, funcionando até 1882. Depois voltou aos Estados Unidos. Lane, por sua vez, morreu em 1892, vítima de febre amarela. Convém lembrar que, por causa desta epidemia, o Colégio Internacional foi transferido para Lavras, Minas Gerais, onde até hoje funciona, com o nome de Instituto Gamon.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRAGA, Erasmo. *O Colégio Internacional e seus fundadores: primórdios do ensino norte-americano no Brasil*. Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Campinas, nº 44, 1916.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892*. Campinas: Área de Publicações Cmu/Unicamp, 1996.

CATÁLOGO do Collegio Internacional de Campinas no anno collegial de 1877, publicado pelos fundadores G. Nash Morton e Edward Lane. Campinas: Typ. da Gazeta de Campinas. 1878.

GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil*. São Paulo. Edit. Pioneira, 1972.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.